

22/07/2016 às 05h00

Brexit, ou a humanidade em retrocesso

Por Jean-Pierre Lehmann

Há algo tipicamente britânico sobre o Brexit. A saída do Reino Unido ainda será feita, mas a verdade é que ele nunca realmente fez parte. O isolacionismo ainda é parte do DNA britânico, pelo menos entre 52% da população (os que votaram por sair).

Também é tipicamente britânico no sentido das "duas nações" descritas por Benjamin Disraeli em sua obra Sybil, publicada em 1845. Ele escreveu que a Grã-Bretanha consistia em "duas nações entre as quais não há relação e nenhuma simpatia; que ignoram os hábitos, pensamentos e sentimentos de cada uma. Os ricos e os pobres". A divisão é econômica, mas também de classe e educação. Aqueles com graduação universitária votaram esmagadoramente por permanecer, enquanto os menos escolarizados votaram maciçamente por sair.

Também há uma especificidade da União Europeia que é ilustrada, entre outras coisas, pelo fato de que, segundo pesquisas, mesmo entre os seis Estados fundadores (Bélgica, Holanda, Itália, França, Alemanha e Luxemburgo), onde fala-se em plebiscito, 30% (Bélgica e Alemanha) e 45% (Itália) votariam pela saída. Existem muitas razões para isso, mas, em poucas palavras, tudo o que se tem a fazer é olhar para o presidente da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker.

O Brexit é um fenômeno britânico e europeu, mas com claras implicações mundiais. Assim como a Europa falhou em criar uma comunidade, a globalização conseguiu desenvolver mercado bem mais globalizado, mas não uma comunidade global. O ódio assola o planeta

O sonho europeu evaporou. Em seu lugar, ergue-se por trás de uma névoa aparentemente impenetrável uma estrutura burocrática, distante e complexa.

Cassie Werber recentemente escreveu um perspicaz artigo na Quartz, intitulado "Para jovens no Reino Unido, Brexit é uma porta fechando, e um sinal de que o ódio está ganhando". Conforme muitas sociedades ao redor do mundo envelhecem, idosos acumulam prerrogativas sem nenhuma preocupação com as próximas gerações. Os resultados por faixa etária são arrepiantes: apenas 20% das pessoas entre 18 e 24 anos votaram pela saída, porcentagem que vai a 60% entre aqueles com mais de 65 anos. Conclusão: o Brexit é uma vitória triunfante da gerontocracia.

Essa gerontocracia não está limitada à Europa. Ela prevalece em boa parte do Leste Asiático, notadamente no Japão, mas também na Coreia do Sul, Hong Kong, Taiwan e vem crescendo na China onde os efeitos da política do filho único começam a colocar pesadas obrigações materiais e emocionais nos jovens.

Os resultados do Brexit também refletem o aumento da desglobalização. Quando a globalização surgiu nos anos que se seguiram após a queda do muro de Berlim, havia duas premissas: a primeira de que a globalização iria incentivar o crescimento econômico, e a segunda de que esse crescimento iria

Claro, muitos líderes de governo são mediocres - como um exemplo notável, o meu próprio presidente, François Hollande, que atualmente possui uma taxa de aprovação de 11% - mas eles podem sair nas próximas eleições. Há um profundo sentimento de frustração entre os cidadãos da UE que não conseguem controlar aqueles que os governam em Bruxelas; eles não são confiáveis, eles vivem em uma bolha e não estão fazendo um bom trabalho.



Mensagens dos leitores

WhatsApp

O aplicativo WhatsApp é muito útil e adquiriu usos que seus próprios autores não imaginavam. Só não se pode admitir é que sirvam para facilitar crimes, sem que as autoridades oficiais do país possam requerer acesso a informações relevantes para investigações ou para coibir delitos. Se operam no país devem ter aqui representantes e parar de arranjar...

22/07/2016 às 05h00 - Ademir Valezi -

Litigância de má-fé

É digna de registro na reportagem do **Valor** (20 de julho, página E1) sobre a atuação das partes na Justiça trabalhista, as sanções que vêm sendo aplicadas cada vez mais, por alguns magistrados, nos casos em que ficam comprovados conluíus fraudulentos entre clientes e advogados, o que no jargão forense se denomina de litigância...

22/07/2016 às 05h00 - José Martins Batista -

Cláusula de barreira

A primeira premissa permaneceu até a crise de 2008, quando economistas e políticos disseram que o "novo normal" era uma economia global estável ou com crescimento baixo. A segunda premissa nunca conseguiu convencer. Algumas vidas melhoraram, algumas ficaram na mesma e outras pioraram.



A palavra que melhor define o fracasso da globalização é "inclusão", ou seja, a falta dela. Com ou sem razão, há uma forte percepção de que o aumento da desigualdade e a ausência de inclusão surgem do fato de que a globalização beneficia os ricos e discrimina os pobres. Esta percepção motivou a campanha pela saída na Grã-Bretanha, e alimenta

movimentos populistas no resto da Europa e praticamente em todo o mundo, destacadamente o fenômeno Donald Trump nos Estados Unidos. A síndrome de "Duas Nações", descrita por Disraeli no século XIX, prevalece não só na Grã-Bretanha, mas também em todo o mundo neste século XXI.

Desta vez, isso se reflete em atitudes relacionadas aos refugiados e também aos imigrantes. Os dois são distintos, mas amplamente associados nas mentes daqueles que vêm a entrada de estrangeiros como ameaça, seja por perda de empregos, baixos salários ou crimes. A campanha pela saída da UE, liderada pelo ex-prefeito de Londres, Boris Johnson, e pelo líder anti-imigração do Partido de Independência, Nigel Farage, jogou fortemente com as populares preocupações sobre operários poloneses, refugiados da Síria em busca de asilo, e a alegada ameaça iminente de turcos se tornarem membros da União Europeia.

Outros partidos populares e políticos na Europa usaram o cataclismo sobre imigrantes/refugiados. Este também é a principal força motriz da campanha de Trump nos Estados Unidos. Na verdade, o problema dos imigrantes e refugiados não é apenas universal, mas, sem dúvida, um dos mais difíceis de resolver, considerando todas as complexas questões econômicas, sociais, culturais, ideológicas, emocionais, políticas e geopolíticas que entram em jogo.

Assim, como no título do artigo de Werber citado acima, o ódio parece ganhar não só na Grã-Bretanha ou na Europa, mas também em todo o mundo.

O Brexit é um fenômeno britânico e europeu, mas com claras implicações mundiais. Assim como a Europa falhou em criar uma comunidade, a globalização conseguiu desenvolver um mercado bem mais globalizado, mas não uma comunidade global. O ódio assola o planeta. Para o bem das gerações futuras, deve ser substituído por outro sentimento: humanidade. Fazer com que este prevaleça é o desafio global urgente do século XXI.

Jean-Pierre Lehmann é professor emérito de economia política internacional na escola suíça de negócios IMD, e fundador do Grupo Evian.

Compartilhar 31 Tweet Share 6 G+ 0

que seu partido irá apoiar no Congresso o projeto de lei da "cláusula de barreira" do PSDB, que exige um percentual mínimo de votos que cada partido deverá obter nas eleições para receber verbas do Fundo Partidário, tempo de TV etc. Se o projeto for aprovado, os brasileiros mais esclarecidos ficarão...

22/07/2016 às 05h00 - Edgard Gobbi -

Ver todas | Envie sua mensagem

Opinião

Últimas Lidas Comentadas Compartilhadas

O tempo e a força da recuperação 05h00

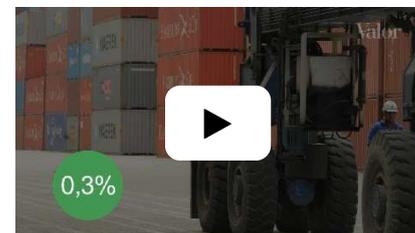
É preciso aprovar outra lei de repatriação de ativos 05h00

Brexit, ou a humanidade em retrocesso 05h00

Balanco de riscos mantém BC em compasso de espera 05h00

Ver todas as notícias

Vídeos



Ajuste dá sinais de avanço e PIB parece ter batido no fundo do poço
08/06/2016

f t in g+